

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)

Talita Cabral Machado

Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais
Goiânia - Goiás

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e discutir as espacializações e espacialidades das mobilizações feministas na cidade de Goiânia, Goiás, e a interseccionalidade vivenciada pelas mulheres nesses espaços. O procedimento metodológico consiste na realização e análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas com feministas. A área central da cidade é vista pelas militantes como estratégica para evidenciar suas identidades entre elas mesmas e as/os demais. As várias lutas das mulheres feministas se dão em busca da conquista de uma nova forma de “estar no espaço urbano”. As mobilizações são cotidianas e estrategicamente localizadas. A ocupação do espaço público é vista pelas mulheres como uma forma de transgredir o local destinado a elas na cidade, num intuito de que haja uma redefinição desses lugares. Pensar espacialmente as ações das militantes nos permite compreender como elas buscam transformar o urbano.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres feministas; espaço urbano; interseccionalidade.

ABSTRACT: The objective of this paper is to

present and discuss the spatializations and spatiality of feminist demonstrations in the city of Goiânia, Goiás, and the intersectionality experienced by women in these spaces. The methodological procedure consists of making and analysis of semi -structured interviews with feminist. The downtown area is seen by militants as strategic to highlight their identities between themselves and / others. The various struggles of feminist women are given in search of the conquest of a new way of “being in the urban space.” The mobilizations are daily and strategically located. The occupation of public space is seen by women as a way of breaking the place for them in the city, in order that there is a redefinition of these places. Thinking spatially actions of militants allows us to understand how they seek to transform the city.

KEY-WORDS: feminist women; urban space; Intersectionality.

1 | INTRODUÇÃO

Mulheres, homens, travestis e transgêneros vivem a cidade de forma diferenciada e desigual. Como indica Massey, “não é só a economia que determina nossa experiência de espaço e lugar (...) há muito mais coisas determinando nossa vivência do espaço do que o ‘capital’” (2000, p.179), como,

por exemplo, a raça, a etnia, o gênero e a sexualidade. Os trajetos, deslocamentos e caminhos dos indivíduos na cidade são influenciados pelo seu dado corpóreo e os conflitos surgidos nesse processo marcam suas vidas, muitas vezes, determinando os locais onde eles estarão ou não.

Para a geógrafa Liz Bondi (1992), o espaço urbano possui, em sua distribuição funcional da paisagem, uma dominância da perspectiva masculina. Para ela, através de um planejamento funcionalista e racionalista, o espaço urbano aprisiona as mulheres em certos lugares, acentuando a divisão do trabalho entre os sexos. A separação engendrada pelo capital imobiliário e/ou pelo planejamento das áreas residenciais, comerciais e indústrias, dificultam ou impossibilitam o deslocamento das mulheres na cidade.

Num contexto de “aprisionamento”, as mulheres lutam e resistem cotidianamente. É quando observados os espaços de lutas e resistências, para Gillian Rose (1993), que a visibilidade no espaço pelas mulheres se dá. O objetivo deste artigo é apresentar e discutir as espacializações e espacialidades das mobilizações feministas nos espaços públicos da área central da cidade de Goiânia, Goiás, e a interseccionalidade de raça, sexualidade, gênero, classe vivenciada pelas mulheres nestes espaços. O procedimento metodológico consiste na análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas com feministas.

Para as entrevistas, foram escolhidas mulheres feministas, que, com suas semelhanças e diferenças, questionam diariamente as relações de gênero, de classe, raciais, etc. Foram entrevistadas oito mulheres. Sete residem em Goiânia - apenas uma na área central da cidade (no Setor Universitário) - e uma no município de Trindade (vizinho à Goiânia) que diariamente se desloca à capital. Cinco mulheres têm entre 24-32 anos de idade e três entre 48-53 anos. As entrevistadas, em grande parte, têm um vínculo ou passagem pelo espaço acadêmico.

A escolha das entrevistadas se deu após a participação em eventos, manifestações e conversas com feministas em Goiânia. Elas nos ajudaram a selecionar mulheres que consideravam muito importantes para a construção e continuação dos movimentos feministas em Goiânia e Goiás.

Foram mapeados pontos/locais importantes para a militância coletiva, mencionados pelas mulheres durante as entrevistas. Entre eles, locais de encontros, de manifestações, reuniões, lazer, etc. Este artigo é um resultado parcial de uma pesquisa de doutorado (MACHADO, 2016) e será apresentado e discutido apenas parte dos locais mapeados durante toda a pesquisa.

1.1 Referencial teórico

Pensar espacialmente as ações das militantes nos permite compreender como elas buscam transformar o urbano e transgredir ao que diz bell hooks (2009): “nas cidades, as mulheres não têm território ao ar livre para ocupar. Eles devem estar infinitamente em movimento ou em locais fechados. Elas devem ter um destino. Eles

não podem se demorar ou ficar. ” (p.143). A triste lógica urbana que “aprisiona” as mulheres, é vista pelas feministas em Goiânia como algo a ser desconstruído e faz parte das pautas estratégicas de ocupações estabelecidas pelos grupos os quais as feministas participam, assim como nas suas ações individuais cotidianas (que muitas vezes são realizadas também coletivamente), como por exemplo, nos momentos de lazer.

Hooks escreve sobre a importância de se pensar o espaço da cidade pelas feministas, para que a mulher tenha de fato liberdade de ir e vir nela. A autora reconhece criticamente que “o movimento feminista”, apesar de todas as conquistas, não conseguiu alterar a situação de violência contra a mulher na cidade:

Esquinas sempre foram espaços que pertenciam aos homens – um território patriarcal. O movimento feminista não alterou isto. Assim como não era poderoso o suficiente para ter de volta a noite e fazer o escuro um lugar seguro para que as mulheres se escondessem, passeassem, e caminhassem à vontade, não foi capaz de mudar o *ethos* da esquina – gênero e igualdade no local de trabalho, sim, mas na esquina da rua transforma cada mulher que ousa se esconder em um corpo para vender a si mesma, um corpo procurando drogas, um corpo caindo. O feminino à espreita, persistente, descansando em um canto da rua é vista por todos, olhado, observado. Quer ela queira ou não, ela está presa para o predador, para o homem, seja ele cafetão, a polícia, ou apenas um transeunte. (hooks, 2009, p. 143, tradução nossa).

Para Sanchez Leyva (1999), a ocupação dos espaços públicos pelas feministas deve ser acompanhada por uma redefinição dos lugares, segundo ela:

La pretensión feminista de ocupar el espacio público se no va acompañada de una redefinición de los “lugares” nunca podrá ser una pretensión emancipadora. Este es el aspecto fundamental y punto de partida que voy a utilizar para intentar justificar por qué opino que hay que terminar con la dicotomización de los espacios pero sin hacer preponderar uno sobre otro sino creando una heterogeneidad en la definición de los lugares.

Abogo por un espacio que emane de los cuerpos y de las acciones, espacio del movimiento, los desplazamientos y deseo de irse situando y emanando espacio. Por ello, no me sumo sólo a la ocupación de los espacios seno que creo necesaria la redefinición de los lugares. Sólo pretender despazarse a lo público no implicará nunca una emancipación para las mujeres. (p.49, grifos da autora)

Rose (1993) afirma que a geografia feminista não pode ser um simples mapeamento das relações de poder social em espaços territoriais, como por exemplo, os masculinos e femininos relacionados com os espaços territoriais públicos e privados. Pois a formação destes espaços depende não somente das relações de gênero, mas também das raciais, de classe e relativos à sexualidade. Os espaços não podem ser pensados apenas em termos de território de gênero. Por isso, no reconhecimento das diferenças, os mapas sociais com apenas duas dimensões (homem/mulher) são inadequados (ROSE, 1993). A autora traz a necessidade de pensar as várias dimensões da estrutura do espaço. Para ela, assim como a multiplicidade de dimensões, o feminismo também depende de uma “geografia paradoxal”.

Para Rose, o “espaço paradoxal” compreende múltiplas teias de sociabilidade,

cada uma com sua espacialidade. E cada indivíduo está inserido em múltiplas teias socioespaciais. O mesmo indivíduo pode estar localizado na margem numa determinada teia e no centro em outra. O que determina a localização do sujeito na teia é a sua posição em relação ao poder exercido por ele em determinado tempo-espço. A autora diz que se deve pensar simultaneamente o estar dentro e fora, no centro e na margem, os “nós” e os “outros” através dos diferentes lugares.

O “espaço paradoxal” (ROSE, 1993) caracteriza-se pela localização das mulheres na margem da configuração do território das grandes cidades, durante o processo de planejamento delas, embora elas representem a maioria dos habitantes.

Apesar de um “aprisionamento” comum de todas as mulheres na cidade, existem diferenças entre elas na forma de vivenciá-lo. As mulheres negras são “aprisionadas” de forma diferente das brancas, assim como as lésbicas das heterossexuais, as de classe alta das mulheres pobres e as mulheres de diferentes idades. A ocupação das feministas no espaço público nem sempre se dá de maneira coletiva, e em dependendo do local, cada uma das mulheres sofrem formas de violência específicas e complexas.

As ocupações dos espaços públicos pelas feministas precisam ser analisadas de forma interseccional em relação à raça, classe, gênero, sexualidade e idade (entre outras categorias). Kimberlé Crenshaw (2002) propõe um modelo analítico que possibilita a identificação das várias formas de subordinação, reconhecendo a diferença entre homens e mulheres e entre mulheres. Para ela, o conceito de interseccionalidade:

(...) trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

A interseccionalidade entre os eixos de poder (gênero, raça, etnia, classe, idade, etc) não corresponde à simples somas deles, mas à configuração das relações, das intersecções ocorrida entre eles, através das experiências vividas dos sujeitos. Para Piscitelli (2008), a categoria de interseccionalidade oferece ferramenta analítica para aprender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades.

A perspectiva interseccional contempla as múltiplas dimensões identitárias que se cruzam. As intersecções que ocorrem entre as várias identidades variam no espaço e no tempo. Gill Valentine (2007, apud SILVA e SILVA, 2014) defende a interseccionalidade como possibilidade de análise da complexidade do espaço geográfico e afirma que a Geografia não tem prestado muita atenção neste conceito como as demais ciências sociais (por exemplo, a Antropologia e Sociologia). Ela mostra em sua pesquisa que as espacialidades variadas vivenciadas pelas pessoas rearranjam o jogo identitário (apud SILVA e SILVA, 2014). A construção da identidade “mulher”, realizada pelas sujeitas, se dá a partir do processo de interseccionalidade. Elas constroem suas identidades, nadando entre as águas profundas do gênero, sexualidade, raça, etc. Essa concepção envolve considerar as identidades como fluidas, complexas e instáveis e sempre no

estado de construção e desconstrução.

2 | ESPACIALIZAÇÕES E ESPACIALIDADES FEMINISTAS NA ÁREA CENTRAL DE GOIÂNIA

Durante as entrevistas, foram mencionados pelas mulheres muitos pontos/locais na região central da cidade considerados importantes para as lutas, visibilizações e materializações (muitas vezes efêmeras) das ações dos movimentos feministas. A Figura 1 representa o mapeamento desses pontos.

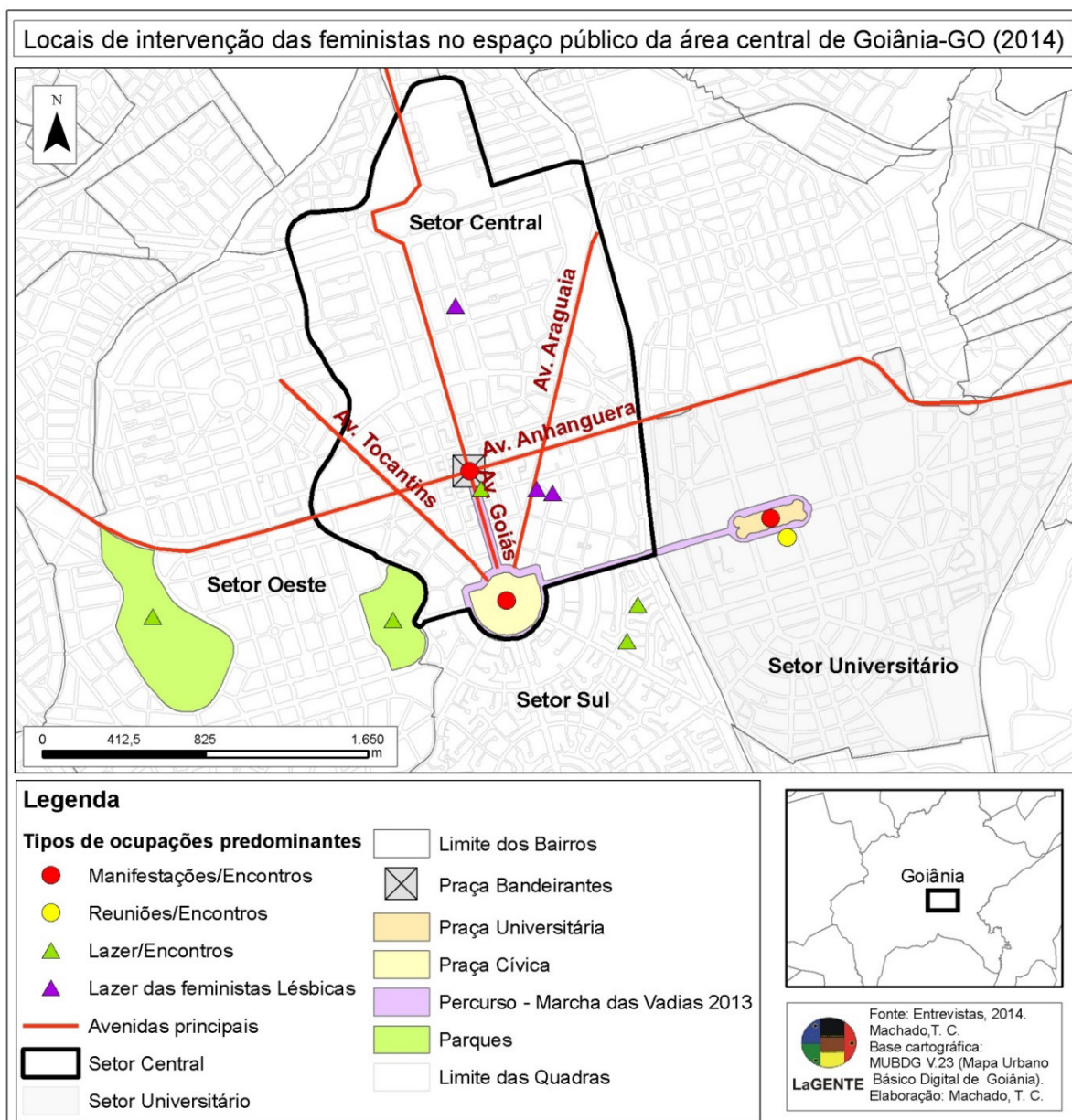


Figura 1. Pontos/lugares na região central de Goiânia considerados importantes para as lutas, visibilizações e materializações das ações das conquistas feministas.

Fonte: MACHADO, 2016.

Os bairros de Goiânia trazidos pelas feministas como essenciais para a luta individual e/ou coletiva, foram: o Setor Central e o Setor Universitário. São nesses bairros que acontecem também os momentos de lazer para as feministas (vistos por elas, como momentos de “lazer militante”). Como na fala da entrevistada:

Eu adoro fazer coisas no centro porque você está dialogando com as pessoas que estão passando lá. (...) há muita gente que ouve, mesmo que não milite em movimento nenhum, mas passa e se identifica e interage com você. Então é sempre muito rico estar nesses espaços, que são bem centro e são bem públicos mesmo. (Entrevistada B, 30 anos. Data da entrevista: novembro de 2014)

Os locais mais importantes para visibilização das lutas levantados pelas mulheres foram: a Praça Cívica, a Praça Universitária e a Praça dos Bandeirantes. Estes, onde, historicamente, são de grande circulação, de mobilização política e que podem ter a presença da mídia.

A Praça Universitária, no Setor Universitário, é também um local de reunião e lazer das feministas. Apesar de ser longe da casa de muitas mulheres, a Praça Universitária possui um fácil acesso para quem utiliza o transporte público, pois passam diversas linhas de ônibus e localiza-se próximo de um dos principais terminais de integração de ônibus da capital e da Praça Cívica, por onde passam muitas linhas. Além de ficar perto da Avenida Anhanguera, na qual circulam ônibus também durante a madrugada.

A Praça Universitária é um local que abriga sociabilidades diversas de jovens e é circundada por universidades. França e Pechincha (2015), a partir do estudo sobre a Praça Universitária, afirmam que as sociabilidades realizadas nesse local:

Se formaram principalmente a partir de grupos de pessoas que frequentavam certos espaços da cidade comumente associados à cena *underground*, notadamente marcados pela presença de jovens, muitas/os delas/es *punks*, *rockers*, *góticos*, *headbangers*, entre outros sujeitos que não necessariamente se classificam unicamente a partir dessas identidades coletivas, mas que também constituíam essa cena” (p. 142-143).

O Museu Antropológico (da Universidade Federal de Goiás) localizado ao redor da Praça Universitária foi mencionado como um local importante e muito utilizado para a realização das reuniões dos grupos e das feministas: “[As reuniões] da Marcha das Vadias, geralmente, a gente faz em um lugar que tenha mais gente. Faz onde der pra todo mundo, geralmente as reuniões são feitas no Museu Antropológico ou na Praça Universitária.” (Entrevistada A, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

A Praça dos Bandeirantes hoje não é mais praça, sim um cruzamento entre duas avenidas principais da cidade, Avenida Anhanguera e Avenida Goiás. Sobre essas vias, diz uma entrevistada: “Tudo acontece, qualquer movimento reivindicatório, é lá que acontece porque é lá que está a imprensa. É o coração econômico do estado, da capital. Ali você emenda a Avenida Goiás com a Avenida Anhanguera. As pessoas estão voltadas para lá.” (Entrevistada F, 54 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

A Praça Bandeirantes é historicamente um lugar das ações dos movimentos

sociais e de protestos em Goiás: “é lá que eu ia para fazer discurso, comício com palanque e era lá que eu vendia jornal. Tudo acontecia naquele espaço e ainda é. Era lá que a gente cantava o hino nacional, que a gente levava borrachada da polícia na época da ditadura” (Entrevistada F, 54 anos. Data da entrevista: novembro de 2014). Outra militante diz:

(...) a Praça do Bandeirante acaba sendo um lugar aglutinador de vários movimentos. Quando você vai falar da visibilidade lésbica, Praça do Bandeirante. Então, se você vai falar de movimento sindical, Praça do Bandeirante (...) é um lugar historicamente dos movimentos sociais se encontrarem. (Entrevistada C, 30 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

A Praça Cívica é o ponto de origem das Avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia e é onde encontra-se o Palácio Pedro Ludovico e grande parte da estrutura administrativa estadual. Quase todas as caminhadas, manifestações dos movimentos feministas, saem ou passam na/pela Praça Cívica.

As intervenções urbanas feministas são momentos de encontros entre as feministas e os vários grupos do movimento em espaços públicos e onde acontecem as rodas de conversas, oficinas, piqueniques, feira de trocas, peças de teatro, etc., sempre com temas voltados para as mulheres. Os locais apontados como importantes para as Intervenções são os parques ambientais da região central da cidade, como o Bosque dos Buritis (Setor Oeste) e o Parque Lagoa das Rosas (Setor Oeste). Estes são lugares com grande circulação de pessoas nos finais de semana.

Nessa última [intervenção urbana], que foi junto com o Coletivo Pagu [Coletivo Feminista fundado pelas estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás] e com a Rede de Mulheres Lésbicas e Transexuais em Goiás, teve a [feira de] Troca, as oficinas de cartaz, denunciando a violência contra as mulheres, (...) teve também, a produção de *fanzines* e de cartazes por conta do Dia da Visibilidade Lésbica. (Entrevistada C, 30 anos. Data da entrevista: setembro de 2014)

(...) a proposta de intervenção urbana foi aquela polêmica que deu “Não mereço ser estuprada”. Nós fizemos uma intervenção no Lago das Rosas. A gente constrói cartazes. Até poucos dias atrás eu passei lá e ainda tinha umas coisas que a gente tinha colado no parque. (Entrevistada E, 32 anos. Data da entrevista: dezembro de 2014)

Apesar de todas as feministas falarem da importância de ocupar espaços públicos, de promover a ocupação urbana e da importância da fluidez dos encontros, que ocorrem em vários locais no centro da cidade, o sentimento presente nessas ocupações são quase sempre o do medo.

A insegurança sentida pelas mulheres ao andarem nas ruas devido à existência de áreas “vazias” em determinados horários do dia, resultado de uma ocupação que divide as áreas comerciais, residenciais, etc., consiste em um dos fatores que limitam seu deslocamento na cidade. O Setor Central de Goiânia no período da noite é visto pelas mulheres como um lugar “escuro”, “vazio” e “perigoso”. As mulheres que estudam e trabalham neste local e turno, ao voltarem para casa sentem-se inseguras

e amedrontadas pelo risco, principalmente, de estupro e assalto.

As mulheres lésbicas e bissexuais mencionaram o Bar da Rua 18, o Mercado da Rua 74 e o Banana Shopping na área central da cidade, como locais importantes para seus momentos de lazer e para a ocupação coletiva das mulheres:

A gente fez uma das festas no mercado da 74, que é um lugar conhecido pelo público gay, LGBTT e lésbicas e tal, mas nunca tinha tido uma ação. Aí a gente ocupou e colocou bandeira e faixa e porque lá a gente tinha essa discussão de mostrar que a gente está nos espaços e a gente precisa de respeito e isso é importante. (Entrevistada A, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014)

Durante a ocupação dos parques, das praças, e dos locais de lazer, ao mesmo tempo em que esses espaços públicos são vistos pelas mulheres como os “mais seguros”, ocorre o sentimento de medo, mencionados de forma mais intensa pelas mulheres mais jovens e lésbicas. Nas falas das entrevistadas, observou-se então a presença do medo e a preocupação em tomar todos os cuidados necessários. Mas, o andar em grupo e ocupar os espaços de maneira coletiva são uma forma de diminuir esse sentimento e empoderar as mulheres.

A gente está sempre com medo não importa o espaço. Todas as coisas lésbicas [como andar com uma bandeira LGBTT] que a gente fez eram espaços desses neutros e seguros, tipo Bosque dos Buritis, a Praça Cívica, a Praça dos Bandeirantes e em todos eles a gente sofreu algum tipo violência. (Entrevistada A, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014)

As mulheres negras e jovens falaram sobre, além do medo, o não se sentir bem em certos locais:

Eu acho que o nosso corpo é muito percebido em todos os espaços. De a gente andar pela rua. Já observei as pessoas olhando ou fazendo comentários, como eu já ouvi! Nossa! Tanto de gente gritando de carro, homens e mulheres, já ouvi a pessoa passar de carro e gritar – Ôh! Vai pentear o cabelo! Passar de carro e – Você acha que está bonito assim? – Tá horrível! E não sei o quê. (...) as vezes as pessoas me chamam pra ir num lugar que eu nunca fui e eu fico até assim, nossa! Será que eu vou? Porque eu tenho medo, às vezes, da reação das pessoas. (Entrevistada D, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014)

(...) por conta de eu estar vestida de uma determinada maneira, com o cabelo para cima e etc., chama muita a atenção das pessoas, em Goiânia principalmente, porque tem umas coisas que são muito normativas com o cabelo e com acessórios. Então, qualquer coisa, desde andar de ônibus e andar na rua provoca reações e as pessoas olham e percebem (...) e tem gente no ônibus que se ver você usando um turbante, ele se benze na sua frente, porque acha que é macumba e coisas assim e todas as questões... (Entrevistada B, 30 anos. Data da entrevista: novembro de 2014)

Durante a ocupação dos espaços públicos, ocorre uma mudança nos usos dos lugares, exemplo dos bares no centro da cidade que se tornam bares lésbicos e o Mercado da Rua 74 que se torna local frequentado também por este público, a partir da presença ou ausência estratégica de seus corpos e de suas corporeidades. Cada mulher, no cruzamento de suas identidades múltiplas, cria as novas concepções dos lugares, no intuito de transformá-los e construir (muitas vezes de forma efêmera) as

ações feministas nos espaços.

A área central é vista pelas militantes como estratégica para evidenciar suas identidades entre elas mesmas e as/os demais. Ocupar estes locais de forma coletiva, durante o dia e à noite, para elas, possui diferentes objetivos. Durante o dia, o objetivo é evidenciar a luta, torná-la mais visível à população. Durante a noite, o intuito é ocupá-los para torná-los mais acessíveis. As várias lutas das mulheres feministas se dão em busca da conquista de uma nova forma de “estar no espaço urbano”. A ocupação dos espaços públicos, principalmente no período da noite, é vista pelas mulheres como uma forma de transgredir o local destinado a elas na cidade, num intuito de que futuramente estes espaços pertençam também às mulheres.

Muitos lugares foram ressignificados pelas feministas depois de ocupá-los. Espaços até então não frequentados pelas mulheres passam a ser, em grupo: “Depois de a gente fazer piquenique e roda de trocas no Lago das Rosas, esse lugar, para mim, ganhou outro significado. Então, acho que os lugares podem ser pensados e repensados e ressignificados a partir da nossa experiência.” (Entrevistada C, 30 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

As ocupações das ruas são vistas como um ponto de partida para as mudanças já ocorridas e que ainda ocorrerão relacionadas a questão de gênero e sexualidade na cidade. As entrevistadas falaram de a importância das mulheres estarem ocupando os espaços centrais da cidade, através da Marcha das Vadias e de outras manifestações (como a Parada Lésbica, Parada LGBT e caminhadas em datas importantes, como o dia da Consciência Negra) que possibilitam a sensibilização das pessoas que passam pelo Bairro. Na parada LGBT e na Parada Lésbica, por exemplo, o beijo entre iguais é visto como político pelas feministas, porque questiona a padronização do corpo no espaço público, nas avenidas de Goiânia. O intuito das manifestações é:

Principalmente mostrar que a cidade é um local pra todos, público. Inclusive eu estou terminando um roteiro com uns amigos, a gente já coletou algumas imagens (...) porque essa minha inquietação, a inquietação do grupo veio principalmente esse ano quando eu vi rotinas de mulheres mudarem por conta da questão da violência urbana que é assustador aqui em Goiânia. (Entrevistada E, 32 anos. Data da entrevista: dezembro de 2014)

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar espacialmente as lutas, ações e conquistas dos movimentos feministas e de mulheres na cidade, é importante tanto para os estudos da Geografia sobre espaço urbano, como para o próprio movimento. Se por um lado, as formas de reflexões espaciais a partir das atuações das mulheres trazem novos entendimentos sobre a cidade, de outro, pensar o espaço pode representar para estas mulheres, novas estratégias de atuação na cidade.

Ocupar os espaços consiste em pensar espacialmente como torná-los menos

desiguais. Neste processo, as feministas constroem formas de tornar, por exemplo, as “esquinas”, que para bell hooks (2009) são territórios hoje patriarcais, em territórios das/para as mulheres. As mulheres são, tanto nos espaços públicos quanto privados, atorras na construção de “outras” representações da sociedade. As feministas atuam no sentido de expandir, através da ocupação de espaços públicos, suas ações e transformações também para os espaços privados.

O espaço urbano visto como hegemonicamente masculino e aprisionador das mulheres, é também reconstruído diariamente pelas lutas feministas, o que possibilita às geógrafas estabelecer “outras” geografias urbanas.

REFERÊNCIAS

BONDI, Liz Gender symbols and urban landscapes. In: **Progress in Human Geography**, Vol. 16, 1992, p. 157-170.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

hooks, bell. A place where the soul can rest. In _____ . **Belonging: a Culture of Palace**. New York/London, Routledge, 2009, p. 143-152.

FRANÇA Matheus e PECHINCHA Mônica Thereza Soares. Entre lazer, sociabilidades e insegurança: interpretações sobre a Praça Universitária, em Goiânia/GO. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.137-155, jan/jun. 2015.

MACHADO, Talita Cabral. **A cidade das mulheres feministas: uma cartografia de Goiânia em perspectiva interseccional e da diferença**. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 176-185.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. P.263-74.

SANCHEZ LEYVA, María Jesús. **Perdidas en el espacio**. Formas de ocupar, recorrer y representar los lugares. Hurga y Pierro edotores, España, 1999.

SILVA, Maria das G. S. N e SILVA, Joseli M. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: _____ **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa, Toda palavra, 2014.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment & Planning D: Society & Space**, 11, 395-413, 1993.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

